

artigo

Novos desafios éticos em um mundo complexo, plural e digital

Maria Cândida Moraes(UCB)¹

Resumo

Qualquer inovação tecnológica na capacidade de nos comunicarmos terá sempre uma incidência profunda em nossa cultura, em nossa maneira de ser, de viver/conviver, na maneira de nos relacionarmos, o que requer não apenas maior competência tecnológica no aprendizado das novas linguagens digitais, mas, sobretudo, maior competência ética nas relações humanas. Mais do que nunca, necessitamos de uma nova estética do pensamento que abra a mente e o coração ao diálogo sem reservas, que enfraqueça a resistência aos sistemas de pensamentos fechados, que reduza a intolerância e a violência e que suporte os riscos do desconhecido e do inesperado, os desafios da incerteza e das contradições emergentes. Necessitamos de um novo pensamento capaz de nutrir uma ética que acredite na partilha, no intercâmbio, na cooperação e na fraternidade, capaz de exercitar uma estrutura mental aberta ao acolhimento, à hospitalidade, à responsabilidade e ao diálogo entre o ruído e a ordem. Uma ética capaz de resgatar o espírito de solidariedade entre os seres, a amorosidade e a gratidão pela vida.

Palavras-chave: Ética; Tecnologia; Complexidade

Abstract

Any technological innovation in the capacity of our communicate will always have a deep incidence in our culture, in our way to be, to live/to coexist, as well as the overall ways in which we relate, what it not only requires bigger technological ability in the learning of the new digital languages, but, overall, greater ethical ability in the relations human beings. More than ever, we need new aesthetic of thought that opens the mind and the heart to the dialogue without reserves, that weakens the resistance to the systems of closed thoughts, that reduces the intolerances and the violence, and support the risks of the stranger and the unexpected one, the challenges of the uncertainty and the emergent contradictions. We need a new thought capable to nourish a new ethics that believe in the values exchange, in the cooperation and the fraternity, capable to exercise an open mental structure that open us to reception, to hospitality, to responsibility, and to the dialogue between noise and order. We need a new ethics capable to rescue the spirit of solidarity between the beings, the unity fraternally and the gratitude for the life.

Keywords: Ethics; Technology; Complexity

¹ mcmoraes@terra.com.br

1. Introdução

Como compreender as múltiplas realidades emergentes nas manifestações de rua que mobilizam a população brasileira e desafiam os governos de todo o país? Como atuar em um contexto social de natureza complexa que clama por novos desafios éticos? Quais são os novos desafios éticos impostos pelo acelerado desenvolvimento científico e tecnológico e pela globalização que tanto nos afeta independente do lugar em que estejamos? Quais são as novas ferramentas intelectuais disponíveis para se repensar as atuais questões éticas e morais de nossos tempos? E quais são alguns dos desdobramentos teóricos e práticos dessas teorias sobre a ética, bem como as consequências sobre a constituição do humano no humano no futuro dos países?

Tais questões levam-nos não somente à necessidade de explicitar os fundamentos teóricos responsáveis pelas bases ontológicas e epistemológicas com as quais fundamentamos nossas pesquisas, mas também a refletir um pouco mais sobre a realidade brasileira, tal como hoje se apresenta com seus novos desafios éticos e a nova consciência que emerge nas ruas, e que não deixa de ser um grande desafio para a grande maioria dos sociólogos de plantão ainda acostumada a trabalhar com certezas e verdades, com estabilidade e previsibilidade.

Embora tenhamos sempre vivido em um horizonte de incertezas e emergências, vivemos, hoje, anos de muita perplexidade e de grandes preocupações a respeito do futuro do planeta e conseqüente futuro do ser humano, pois, em realidade, estamos enfrentando tempos incertos e fluidos com ferramentas políticas e intelectuais de outras épocas, de outros tempos, observando a realidade como se ela fosse estável, homogênea e determinada.

Estejamos onde estivermos, no Brasil, no Egito, na Turquia ou no Chile, estamos vivendo em um mundo incerto, mutante, complexo, plural, indeterminado, sujeito ao imprevisível e ao inesperado, sujeito às emergências que requerem processos auto-eco-reorganizadores urgentes e necessários. Emergências de natureza política, econômica, social, tecnológica, ética, cultural e espiritual para as quais, lamentavelmente, não estamos ainda, individual e coletivamente, preparados.

Como humanidade, temos grandes dificuldades, tanto em nível individual quanto coletivo, para encontrar soluções compatíveis com a magnitude e a intensidade dos problemas atuais, problemas de natureza complexa, transdisciplinar e transnacional. E sabemos que nenhum dos problemas emergentes no cenário nacional ou internacional pode e deve ser abordado no âmbito disciplinar, pois se tratam de desafios complexos de natureza transdisciplinar, que questionam nossas instituições governamentais acostumadas

a trabalhar e a agir pautadas por uma visão reducionista, fragmentadora da realidade, da sociedade e da vida.

Contextualizando um pouco mais a temática a qual nos propusemos a trabalhar – Desafios éticos em um mundo complexo, plural e digital, cujos destaques vêm sendo dado às mudanças aceleradas e profundas presentes em todos os campos da vida e das organizações sociais, mudanças que nos desafiam e exigem maior adequação de comportamentos, atitudes e modos de relacionamento, podemos contextualizar esta temática a partir da análise dos atuais acontecimentos ocorridos no Brasil, neste primeiro semestre de 2013 e que vem mobilizando significativamente uma grande parcela da população e desafiando os governantes de todos os estados brasileiros, bem como a própria Presidência da República.

Tais manifestações ganharam corpo e expressão nacional e internacional, expandindo-se, gradualmente, em uma onda de protestos (e também de violência), levando dezenas de milhares de pessoas às ruas, com uma significativa agenda de reivindicações, cujos significados ainda não foram totalmente esclarecidos.

Este movimento se iniciou em Porto Alegre, ao final de março deste ano, quando milhares de pessoas foram às ruas e se agruparam diante da Prefeitura local para protestar contra o recente aumento das passagens de ônibus. A mobilização acabou surtindo efeito e o aumento foi cancelado. Um mês depois, o movimento surgiu em São Paulo, fazendo com que milhares de manifestantes ocupassem a principal avenida da cidade, a Avenida Paulista, considerada o coração financeiro do país. Tudo terminou em um imenso ato público que culminou, lamentavelmente, em violência e confrontos com a polícia.

A grandeza do protesto e a violência dos confrontos acabaram se espalhando pelas principais cidades brasileiras e no dia 17 de junho, no início da Copa das Confederações, o Brasil viveu uma das maiores mobilizações populares dos últimos 20 anos, inflamado por várias outras bandeiras, dentre elas, as reivindicações por melhores condições de vida, saúde, educação e transporte.

Com o suporte da tecnologia digital e das redes sociais disponíveis, todo esse movimento externo acabou entrando pelas frestas digitais de nossas casas, trazendo consigo todo o movimento de rua para dentro dos nossos lares, em um piscar de olhos, e fazendo com que esta onda de protesto mobilizasse o debate em todo país e levantasse uma série de questionamentos sobre os objetivos da política brasileira, as novas pautas éticas e os novos significados de um movimento popular singular que há mais de 20 anos não se via na história brasileira.

Além da revogação dos atos referentes ao aumento das passagens, vários resultados vêm sendo obtidos, dentre eles, novas medidas de combate à corrupção, à pacificação nas favelas, à aprovação da “ficha limpa”, não apenas para os cargos comissionados do Governo, mas também para todo servidor público ou pessoa em cargo de confiança, o que certamente contribuirá para extirpar este terrível câncer da administração pública brasileira, condenando aqueles que comentem atos ilícitos envolvendo dinheiro e bens públicos.

O que se percebe é que grande parte das demandas do clamor das ruas é de natureza ética, o que nos leva a perceber, com entusiasmo e alegria, a emergência de indícios de uma nova consciência na juventude brasileira, bem como na sociedade em geral, que já não suporta conviver com a corrupção, a leniência do poder público, o cinismo dos políticos e sua falta de consciência e de postura em relação ao bem comum. Toda esta mobilização efervescente indica também que o Brasil já não pode continuar deitado em seu berço esplêndido, esperando que as coisas aconteçam e se transformem por si só.

Certamente, não podemos ainda antever a intensidade do impacto das mobilizações de rua em um futuro próximo, mas sabemos que o Brasil jamais será o mesmo. Não apenas a mobilização das placas tectônicas provocam tsunamis, terremotos e maremotos, mas também o clamor das ruas e as reivindicações da população anteriormente adormecida assustam e requerem processos rápidos de auto-eco-regulação social, urgentes e necessários.

Dentre possíveis conclusões provisórias, podemos inferir que as redes sociais vieram para ficar e que, daqui para frente, terão um papel relevante na organização da vida política e social do país. Um papel que não pode ser ignorado, pois as atuais tecnologias da informação e da comunicação são um fator revolucionário de profundas consequências na vida política e social do cidadão/ã, sejam elas boas ou más. Diferentemente da capacidade de mobilização, gestão e tomada de decisão da “gente a pé”, a sociedade em rede traz consigo uma crescente e desconhecida complexidade nutrida por grandes desafios e potenciais riscos, para os quais políticos e governantes não estão preparados para enfrentar. Este empoderamento democrático dos cidadãos/ãs coloca em xeque as instituições governamentais e suas respectivas capacidades analítica e decisória. É mais, qualquer inovação tecnológica na capacidade de nos comunicarmos terá sempre uma incidência profunda em nossa cultura, em nossa maneira de ser, de viver/conviver, na maneira de nos relacionarmos, o que requer não apenas maior competência tecnológica no aprendizado das novas linguagens digitais, mas, sobretudo, maior competência ética nas relações humanas.

Analisando as primeiras conquistas obtidas, percebe-se o quanto nossas instituições e lideranças partidárias são movidas pela intensidade do clamor da participação social, pois todas elas, a começar pela própria Presidência da República, se movimentaram rapidamente em respostas às principais reivindicações. A Presidenta Dilma tentou recuperar sua posição política, posando de estadista, coisa que não se via em seus dois anos anteriores de Governo. Por outro lado, o Congresso Nacional desistiu do encaminhamento da tal PEC 372 de interesse de vários deputados do Congresso Nacional, caracterizando também a corrupção como crime hediondo. O Supremo Tribunal Federal decretou a prisão de um deputado federal, algo inédito na República Brasileira e em um momento em que a população clama também pela punição exemplar dos “mensaleiros”³.

Percebeu-se, também, a complexidade e a fragilidade inerentes aos índices de popularidade e de aprovação do Governo, o quanto eles são provisórios e relativos, podendo ser alterados da noite para o dia, em um piscar de olhos, influenciados pelo que acontece nos meios de comunicação e nas redes sociais. A incerteza e a provisoriedade, duas categorias importantes do Pensamento Complexo presentes em todos os fenômenos de natureza complexa, assustam quem delas depende para nortear o rumo de suas vidas ou o resultado das próximas eleições.

De um modo geral, percebeu-se o quanto é importante e necessário atualizar a discussão sobre os aspectos éticos na política brasileira, sobre os direitos e deveres entre cidadãos de uma mesma comunidade, como também no uso das tecnologias digitais e no funcionamento das redes sociais, pois a demagogia e o populismo já não são o caminho mais fácil para se alcançar e se manter neste ou naquele posto governamental. O movimento nas ruas, mobilizados pelas redes sociais, mandou vários recados para todos, em especial para os partidos políticos e para o Governo Brasileiro, recordando que ninguém é dono da razão ou tem o monopólio da verdade, que política não se faz apenas com boas intenções e que é preciso resgatar seu verdadeiro sentido voltado para a realização do bem comum, do bem da coletividade em direção ao bem viver.

E mais, no que se refere à política brasileira já não podemos continuar considerando como virtudes a esperteza, o jogo de cintura e o “jeitinho brasileiro”, dispensando a ética, a responsabilidade fiscal, a equidade social, políticas públicas duramente conquistadas em épocas recentes. Não podemos também nos esquecer que o verdadeiro empoderamento

²PEC 37 se refere ao Projeto de Emenda Constitucional que defini que o poder de investigação criminal seria restrito às policias Federal e Civil.

³ Mensaleiro é um neologismo que se refere aquele que recebe um pagamento mensal. No caso, o termo se refere aos vários deputados federais condenados pelo Ministério Público.

requer do cidadão/ã maior responsabilidade em suas decisões políticas e na qualidade de seu voto, pois sua decisão tem consequências e sérias implicações no bem-estar de todos aqueles com os quais compartilha o seu destino comum.

Neste sentido, é oportuno retomar a maravilhosa advertência poética feita pelo nosso querido Carlos Drummond de Andrade: “Cuidado por onde andas, pois é sobre meus sonhos que tu caminhas”.

E hoje, sabemos que, nas ruas e nas redes sociais, existem muitos outros brasileiros, esperançosos e sonhadores, embalados pela crença e pela utopia de que outro mundo é possível, urgente e necessário.

2. Novos desafios éticos

Neste contexto político brasileiro, e também mundial, o enfrentamento dos novos desafios éticos está sendo urgentemente requerido. Lamentavelmente, o Brasil ainda é um lugar de grandes paradoxos. Um país onde grande parte da população se sacrifica para comprar alimentos taxados com altos impostos enquanto os ricos continuam comprando carros sem impostos. Apesar do salário do professor ter um teto mínimo a ser respeitado em todo o país, algumas prefeituras continuam pagando ridículos salários ao professorado e o Governo Federal faz que não percebe, da mesma forma que não pune o prefeito de uma pequena cidade do interior do Ceará que resolve fazer o controle fiscal das finanças públicas de sua cidade mediante o corte do salário docente.

A evolução cultural, tecnológica e cognitiva, graças aos processos de interdependência e de inter-relações gerados pela internet e pela globalização, vem gerando a proliferação desmedida de dados, informações e saberes entre pessoas, países e povos. Uma coisa é gerar, produzir, disseminar informações pela rede. Outra é a nossa capacidade de digeri-las, de processá-las, de construir conhecimento e incorporá-las em nosso cotidiano, o que nossa condição humana, fruto de nossa evolução biológica não permite. Assim, este crescimento exponencial da informação disponível é infinitamente superior à capacidade humana de processá-la. Nossas estruturas biológicas e neuronais limitadas, constitutivas de nossa condição humana, impedem o acompanhamento do crescimento geométrico das informações que circulam pelas redes (Brey, 2011).

Em realidade, temos uma capacidade coletiva fantástica de geração de dados e informações, mas absoluta e desproporcionalmente inferior à nossa capacidade individual de processamento e construção de conhecimento, bem como de integração às nossas experiências pessoais cotidianas, reveladoras de nossa finitude e provisoriedade. Nossa condição humana é intrinsecamente finita e mortal.

Isto gera, sem dúvida, um dos nossos grandes problemas atuais. O grande descompasso entre o ritmo de nossa evolução cultural e ética em relação ao aumento de informações gerado coletivamente esconde alguns perigos que, como humanidade, devemos estar mais atentos. Tais perigos não vêm diretamente da existência em si da ilusória “sociedade do conhecimento” ou “sociedade da ignorância”, esta última gestada por nossa incapacidade de processar informações disponibilizadas pelas diversas redes digitais. Certamente, o perigo que paira sobre nós está muito mais em nós mesmos, nos usos e abusos feitos pelos próprios seres humanos que acabaram de criá-las ou inventá-las, nas últimas décadas. Decorre da dificuldade que temos de fazer com que os valores éticos que regem as relações humanas consigam acompanhar, senão na mesma proporção, mas de modo mais aproximado, o incrível desenvolvimento científico e tecnológico.

A sociedade da ignorância é também aquela que tem toda informação disponível a um simples toque no mouse ou na tela do seu ipad, mas que, ao mesmo tempo, não consegue processar esse caudal de dados e informações disponíveis, tanto condicionado pela condição humana que não consegue acompanhar a velocidade e a intensidade das produções coletivas disponibilizadas pelas redes, mas, principalmente, pela grande dificuldade em processar a informação e construir conhecimento a partir de uma visão crítica da realidade. Esta ausência de crítica seria, sem dúvida, uma das causas da ignorância e que leva a se ter uma geração de jovens que não conseguem ler mais do que quatro ou cinco páginas escritas se não estiverem em formato multimídia. São indivíduos que confundem aprendizagem com o pegar e colar fragmentos de informações disponíveis na internet. É uma geração muito pouco reflexiva, mais ativa, dispersiva, impulsiva, agitada, que confunde o uso com o abuso do “control V/ Control C” na preparação de trabalhos ou de respostas às exigências acadêmicas.

Além da falta de ética, como acontece nos casos cada vez mais frequentes de cyberbullying, é também uma geração com sérios problemas de concentração e de relacionamento, acostumada a processar em paralelo, ou seja, ao mesmo tempo em que fala no Skype, responde emails, se manifesta no facebook, no twitter e atende ao telefone. O que se observa é que os meios e as informações estão disponíveis, mas todavia, ainda não sabemos tirar deles o melhor proveito deles.

Isto nos coloca alguns desafios a serem problematizados, como por exemplo: No âmbito global da evolução humana, como articular nossa evolução biológica com a evolução cultural, tecnológica e ética? É possível ou impossível? Como fazer com que nossa condição humana, finita e mortal, aprenda a viver/conviver com aquilo que é enorme, infinito, incomensurável e muitas vezes, inalcançável pela mente da grande maioria dos mortais?

Sabemos que um dos grandes desafios éticos mundiais relacionados às tecnologias digitais ainda continua sendo o acesso desigual à informação que acontece entre e dentro dos próprios países, promovendo a exclusão automática de imensa maioria da população do planeta, apesar dos pesados investimentos nacionais e internacionais realizados na tentativa de minimizar esta problemática. Além deste problema que, em realidade, é também ético e moral, está a ameaça à privacidade e à intimidade das pessoas invadidas por sistemas e técnicas de busca de informações pessoais que, não apenas se contentam em invadir, captar e disseminar informações de conteúdo emocional pelas redes, também ameaçam e violentam suas próprias vítimas, colocando em risco as liberdades civis e os direitos humanos, como também ávida das pessoas.

Como exemplo, vale destacar a recente invasão dos e-mails pessoais provocada pelo Serviço de Inteligência Americano, o que causou profundos constrangimentos e interferências nas relações políticas internacionais entre o Brasil e os Estados Unidos. Neste sentido, surge a pergunta que não quer calar: Será que em nome da segurança nacional e do combate ao terrorismo se pode invadir a privacidade dos cidadãos? Quais as implicações de tudo isto em relação à nossa soberania nacional?

Urge, portanto, encontrar mecanismos que acelerem as discussões entre ética e desenvolvimento científico e tecnológico, visando descobrir quais são os limites a serem preservados no sentido de resguardar a liberdade, a integridade humana e a soberania nacional. Como promover a união da pesquisa científica com o humanismo e com os outros valores éticos e morais, no sentido de melhorar o relacionamento humano e a convivência entre os povos? Já não podemos continuar privilegiando a visão distorcida da realidade que vê a racionalidade técnica e tecnológica como solução para todos os males, esquecendo-se de que a tecnologia é somente uma ferramenta e que se não for acompanhada por valores humanos e éticos, teremos graves rupturas sociais e uma crise moral e ética sem precedentes.

Analisando ainda mais a situação da sociedade brasileira e, mesmo de muitas outras, observa-se, a existência de uma profunda crise de natureza ética, psicológica e emocional, que vem abalando a sociedade como um todo. Cada dia está mais evidente que a retórica do crescimento econômico associado ao desenvolvimento tecnológico como propulsor do crescimento social e consequente eliminação da pobreza, tão presente no discurso neoliberal, crescimento este impulsionado por uma verdadeira devoção ao progresso material e ao sucesso da ciência e da tecnologia, não vem proporcionando satisfação, alegria e o bem viver. Sabemos hoje, que tudo isso não passa de uma grande falácia.

O Brasil, apesar do crescimento econômico das últimas décadas, da diminuição da miséria e da fome, continua sendo um país de grandes desigualdades sociais e de acumulação de riqueza por parte de uma minoria. Ao mesmo tempo, muito daqueles que acederam a um patamar economicamente superior e conseguiram sair da linha da pobreza, também não se sentem felizes e confortáveis nos novos estágios conquistados. É um consumismo que dilacera e corrói a sociedade brasileira, hoje também facilitado e motivado pelo uso das tecnologias.

Por outro lado, nunca se teve tantos problemas de natureza emocional, psicológica e espiritual como nos últimos 20 anos, o que certamente nos coloca diante de vários outros desafios éticos. Isto porque entendemos que tais desafios, incluindo aqui o comportamento ético, não se referem apenas aos aspectos cognitivos/intelectuais, tecnológicos, ao uso de uma determinada lógica, mas implicam também aspectos de ordem emocional, afetiva e espiritual.

Neste sentido, temos observado que, apesar de todo o avanço científico e tecnológico sem precedentes e de todos os benefícios e ideias maravilhosas que emergiram ao longo do século XX, nenhum dos movimentos econômicos e sociais, ou suas respectivas conquistas, conseguiram, até hoje, verdadeiramente acalmar o espírito humano em sua busca por um mínimo de felicidade. Isto porque a alma humana e as qualidades do espírito humano continuam sendo negligenciadas ao longo dos últimos cem anos, qualidades, tais como, amor, compaixão, sensibilidade, paciência, acolhimento, capacidade de perdoar, harmonia, responsabilidade, solidariedade, dimensões essas consideradas apaziguadoras da alma e portadoras de felicidade para a vida em sociedade.

Isto porque o espírito que é compassivo, generoso, amoroso, paciente, tolerante, respeitoso, de certa forma, reconhece o impacto potencial de suas ações sobre os outros e sobre a natureza, preocupa-se com o bem-estar do outro e pauta sua conduta a partir daí. Espera-se que um ser mais solidário, respeitoso e ético, consciente de suas limitações e de seus atos, respeite, também, tudo que afeta o triângulo da vida, ou seja, tudo aquilo que afeta as relações indivíduo/sociedade/natureza. Em princípio, entendemos que quem professa ou vivencia tais qualidades espirituais seja um ser espiritualmente mais evoluído, com maior consciência de si, do outro e do importante papel que a natureza joga na preservação do todo.

Em realidade, continuamos enfatizando, de modo ainda desproporcional, tudo o que se refere ao progresso exterior em detrimento de uma evolução interior da consciência humana. O que se percebe é que populações que tiveram suas necessidades básicas satisfeitas continuam sofrendo de ansiedade, infelicidade, estresse, insegurança e inúmeras

fobias, como nunca antes ocorrera. De certa forma, tudo isso nos faz tomar consciência de que nossas necessidades básicas transcendem o que é meramente atendido pelos órgãos dos sentidos, transcendem os nossos desejos por esta ou aquela tecnologia de última geração, e existe um sofrimento interior que não pode ser solucionado enquanto não cuidarmos do que foi sempre negligenciado, ou seja, da dimensão interior do ser humano, cujo descaso ao longo dos últimos cem anos vem, agora, cobrando sua fatura e esta não é pequena.

Pensando em todas essas contradições, surge a pergunta: quais são os fundamentos, os princípios norteadores de um futuro desejado, capaz de colaborar na passagem de uma pós-modernidade técnica e tecnológica para uma pós-modernidade mais ética e humana? Ou então, como adotar uma nova antropologia centrada na cooperação, na responsabilidade e na solidariedade capaz de abandonar a metáfora do “homem como o lobo do homem” vivendo em um mundo digital, plural e, ao mesmo tempo, incerto e instável? Como gestar uma nova cosmovisão pautada no bem viver, ou seja, baseada no resgate da dignidade humana e na sustentabilidade tecnológica, ambiental e social?

Ao questionarmos o mundo ao nosso redor, ao percebermos os problemas sociais, econômicos, tecnológicos, psicológicos, ecológicos e éticos que tanto nos afligem, nos deparamos com esses e com outros desafios éticos e continuamos a nos questionar: será que estamos dando conta de resolver a maioria dos problemas que tanto sofrimento psicológico e emocional vem provocando no ser humano? Que tipo de lógica está sendo utilizada para resolvê-los? Será que a lógica clássica, a lógica binária, Aristotélica, dá conta de resolver nossos problemas atuais? Ela é suficiente ou insuficiente? Será preciso algo mais? Não seria preciso abrir um novo circuito epistemológico entre os diferentes domínios da ciência para dar conta dos graves problemas atuais? Um circuito que vá além do conhecimento disciplinar, multidisciplinar ou interdisciplinar? Isto porque sabemos que todo pensamento redutor gera também políticas sociais, meio-ambientais, tecnológicas e econômicas também redutoras e parciais, que limitam a potencialidade e a liberdade do ser humano.

Como observado anteriormente, nossos problemas, sejam eles de natureza ética, econômica, social ou ecológica, como os desastres naturais que tanto vem nos assustando, são de natureza complexa e transdisciplinar e cada qual requer uma solução específica. Ao contrário das relações que afetam e desequilibram a ecologia ambiental, provocando os terríveis desastres naturais, sabemos que muito pouco se pode fazer para evitar a iminência de uma tragédia ambiental, mas a grande maioria dos problemas humanos é de natureza

ética e pode ser esperançosamente superada, pois, em realidade, todo ser humano deseja um lugar melhor para viver em harmonia e tranquilidade.

Em realidade, não temos meios de distinguir entre o certo e o errado se não levarmos em conta o sentimento do outro, seus sofrimentos, aflições e angústias. O que nos ajuda a determinar se uma ação está em consonância com a ética é o seu efeito sobre a experiência ou sobre a expectativa de felicidade do outro. Uma ação violenta, que prejudica o outro ou sua expectativa de felicidade, certamente é uma ação potencialmente antiética (Dalai Lama, 2000).

Por outro lado, nem sempre o resultado de uma ação é o fato mais importante ou a única condição garantidora do sucesso de uma determinada empreitada, já que a complexidade nos ensina que existem tantos outros fatores intervenientes nos processos em interação e em estados de interdependência, muitas vezes frutos de uma ecologia da ação⁴ (Morin, 2000), de condições que alteram ou modificam o resultado almejado. É importante perceber o que motiva ou inspira nossas ações, aquilo que está subjacente aos nossos pensamentos, palavras, ações, reações e omissões, sejam elas de natureza voluntária ou involuntária. Perceber o estado de espírito e o estado da mente no momento em que se inicia um determinado processo, uma certa atividade ou que se deflagra uma ação, reconhecendo as condições iniciais presentes no coração daquele que está envolvido, ajuda-nos a compreender e a valorar a qualidade ética de nossos relacionamentos ou de nossos atos praticados.

Assim como Sua Santidade, o Dalai Lama (2000), também acreditamos que a nossa compreensão dos fenômenos tem um significado decisivo e importante em nossos atos praticados, pois se não compreendemos os fenômenos ocorrentes, como eles operam e como se processam, estamos sujeitos a fazer coisas que não só nos prejudicam, mas também aos outros. Hoje, a ciência nos explica que já não é possível separar qualquer fenômeno do contexto onde ele está inserido ou do contexto de ocorrência dos outros fenômenos, pois tudo está interligado, em profunda comunhão, unido por laços de interdependência, em função do acoplamento estrutural de natureza sistêmica que acontece em termos de energia, matéria ou informação. Se não podemos separar as partes do todo, somente podemos falar de relações, de interações e de processos em interdependência. Da mesma forma, se não devemos dominar a natureza, porque aquele que domina, degrada não apenas a natureza, mas a própria humanidade, que tipo de relações é preciso incentivar

⁴Para Morin (2000), toda ação é uma ação ecologizada ao entrar no jogo das inter-retroações ocorrentes no ambiente.

para que floresça um novo humanismo? Um humanismo que reconheça a dignidade de tudo que tem vida, de tudo que existe e que merece existir, viver/conviver.

E o que é que a ética tem a ver com tudo isto? Como esta visão de realidade, ou mesmo a visão tradicional da ciência, continua interferindo nos procedimentos éticos? Quais são as novas questões éticas ou as novas perguntas a serem feitas que iluminem modos mais corretos e adequados de ser, de conhecer, de atuar ou de se comportar no mundo em que vivemos? A ética atualmente praticada e os valores morais que a acompanham ainda são válidos ou também estão em crise? Isto porque precisamos problematizar o real, a ética, o uso e os abusos da tecnologia, examinar suas bases e seus fundamentos, a partir de nossas relações com a natureza, com a sociedade e com as nossas crenças professadas.

Sabemos que a própria ética está em crise, pois as fontes tradicionais do pensamento moral já não são suficientes como guias norteadoras das ações humanas nesta segunda década do século XXI. Suas concepções já não estão sendo válidas para pessoas, comunidades e culturas diferentes. Este mesmo pensamento é ratificado por Edgar Morin e por Leonardo Boff.

Em realidade, o mundo se complexificou e quanto mais complexos são os sistemas, mais expostos estão aos acidentes, às emergências, ao inesperado. Iluminados por Edgar Morin, sabemos que a indeterminação está presente no seio dos sistemas complexos e as sociedades são constituídas por uma complexidade de relacionamentos, de elementos convergentes, antagônicos e contraditórios. Conflitos, necessidades, contingências, interesses, perturbações, aleatoriedade, incertezas são elementos estruturantes de qualquer sistema e, em especial, das crises que nos afetam. São elementos que dialogam entre si e que, em determinados momentos e condições especiais, promovem a desregulamentação dos sistemas que, antes, aparentavam estar em equilíbrio. Assim, todo sistema em homeostase traz também consigo o germe de sua desagregação potencial em função dos antagonismos, dos conflitos emergentes nos mais diferentes processos e requerem, em determinados momentos, processos de auto-eco-organização para que o sistema volte a operar em equilíbrio e realizar a finalidade maior de sua existência.

3. Mas, de que ética estamos falando?

É urgente pensar sobre os novos desafios éticos e os respectivos valores morais que norteiam o comportamento humano em sociedade, que norteiam nossas escolhas tecnológicas e a relação com os demais elementos do universo. Para este ensaio, a ética está sendo compreendida como um conjunto de concepções que institui princípios e valores a respeito da vida, do ser humano, da sociedade, enfim, do funcionamento do universo. Uma questão é ética quando se refere à ação humana julgada sob a perspectiva de ser boa,

correta e acertada à luz de princípios éticos do bem viver. A moral, por sua vez, já é algo que faz parte da vida concreta e está mais relacionada aos valores, costumes e hábitos estabelecidos a partir dos princípios e valores éticos professados por uma comunidade. A moral se encontra mais no nível de decisão e ação individual. Embora teoricamente sejam conceitos distintos, a ética e a moral estão profundamente inter-relacionadas e são inseparáveis em sua dinâmica operacional. Ambas têm por finalidade construir as bases que vão guiar a conduta humana, definindo seu caráter, suas virtudes e qualidades mais essenciais. Assim, a ética se manifesta mediante concepções morais que buscam o bem-estar comum, concepções justificáveis e validáveis entre pessoas, culturas e povos com suas respectivas crenças diversificadas. Ela traz também consigo valores universais que regem a vida humana, a conduta do ser humano, em prol de relações saudáveis e harmoniosas. Diz algo, portanto, a respeito de nossos direitos e deveres em relação ao próximo, às questões afeitas à vida, à felicidade, à coletividade e à universalidade.

Estamos falando de uma ética capaz de integrar as perspectivas das diferentes dimensões do ser humano e as diversas fontes do conhecimento, já que ela se espraia e afeta as diversas áreas do saber. Busca-se, hoje, uma ética integrativa, interdisciplinar e transdisciplinar, aberta à validação entre pessoas e pensamentos diversos. Isto porque nossos problemas, independentes de sua natureza, são complexos e os desafios emergentes claramente transdisciplinares, como afirma Max-Neef (2013).

Assim, o velho estilo de pensamento pautado ora pelo princípio da redução, ora pelo princípio da disjunção, ou seja, pela lógica da diferença excludente, já não atende as nossas demandas atuais, além de trazer consigo a violência cognitiva que se apresenta no autoritarismo das ideias, nas posturas intransigentes, na apologia da globalização. Traz também consigo algumas distorções na maneira de observar a realidade, de ver, de pensar, de sentir e agir no mundo, sinalizando que desse patamar cognitivo/emocional é impossível inferir princípios que se aproximem de uma ética complexa, integradora, inclusiva e transdisciplinar, algo absolutamente imprescindível nos dias atuais.

4. Por uma nova compreensão ética

Entretanto, não é isto que temos observado nos dias atuais. Estamos vivendo em um momento único da humanidade no qual a convivência humana, seja ela local, regional, ou mesmo, planetária, está ficando cada dia mais difícil, insegura e conflituosa. Inúmeros são aqueles eminentes pesquisadores, cientistas nacionais e internacionais, como Ervin Laszlo, Edgar Morin, Ubiratan D'Ámbrósio, Manfred Max-Neef, Leonardo Boff e muitos outros que, desde o final da última década do século passado, portanto, há mais de 25 anos, vem nos

advertindo de que vivemos um momento crucial da humanidade e que estamos sujeitos às várias emergências para as quais a humanidade não está preparada para encontrar as soluções requeridas. Nosso despreparo é grande diante de situações complexas e imprevisíveis, de diferentes naturezas, que estão acontecendo no cotidiano de nossas vidas.

Como humanidade, percebemos que está cada vez mais difícil encontrar um lugar seguro para nos acolher. O fantasma da vulnerabilidade plana sobre os indivíduos e por todo o planeta. Sabemos também que o medo não será exorcizado até que consigamos construir novas ferramentas cognitivo/emocionais que nos permitam viver/conviver em sociedade, pois precisamos aprender a enfrentar os desafios que nos cercam, dentre os quais estão os novos desafios éticos. O grande problema é que vivenciamos uma inteligência cega que fragmenta e disjunta, tanto no que se refere ao ser humano como à realidade e à vida. Além de que não temos as ferramentas cognitivo/emocionais e éticas que nos ajudem a elevar o tom do debate e a repensar os sistemas políticos e socioculturais vigentes.

Nossa sobrevivência individual e coletiva depende do nosso aprendizado em viver/conviver com as diferenças, com a diversidade, com a pluralidade, pois estamos globalizados e, ao mesmo tempo, desterritorializados, não apenas em função das redes de comunicação que nos integra, mas também pelas mazelas, inseguranças e desgraças que se espriam pelas frestas, escapando ao nosso controle. E o problema é que, ainda, não aprendemos a viver/conviver com as diferenças, com o pensamento divergente, com uma compreensão diferente da minha, reconhecendo a legitimidade do olhar do outro que é diferente do meu.

O que é que está na base de tudo isto? Está um conjunto de valores insustentáveis, fruto de um paradigma civilizacional que já não se aguenta, cujas consequências são imprevisíveis para o próprio futuro da humanidade. Está um paradigma que traz consigo uma ética tradicional insuficiente, incompatível com as demandas do mundo atual, incapaz de trazer harmonia, bem-estar e bem viver. Está um modelo de sociedade voltado para a acumulação de riqueza material, de bens e serviços. Um modelo que se esquece de que a Terra já não é inesgotável em seus recursos e em sua generosidade, e o progresso em direção ao futuro já não é exatamente aquilo que imaginávamos. Hoje, sabemos que os recursos são limitados, que grande parte não é renovável e que o crescimento em direção a um futuro brilhante e confortável para todos não passa de uma grande ilusão.

Se o mundo está enfermo, se a sociedade está doente, é porque o ser humano encontra-se também profundamente enfermo, já que a ecologia e a paz interior também dependem da ecologia e da paz social, bem como de nossas relações com a natureza,

materializadas através de nossas relações com o triângulo da vida. Tudo isto, por sua vez, depende da evolução do pensamento, da inteligência e da consciência humana numa dinâmica integrada e integradora, o que requer uma nova ética voltada para as gerações futuras e para o futuro do planeta. Todo e qualquer sistema vivo tem o direito a continuar vivendo, convivendo e existindo, direito inalienável para viver o presente e o futuro que lhe corresponde.

Assim, nossa atenção deverá estar, prioritariamente, direcionada às questões relacionadas à interculturalidade, à diversidade e ao pleno desenvolvimento da consciência humana, dirigida a uma nova humanescência, entendendo-a como o processo que leva à florescência de uma nova humanidade, produto de uma consciência mais evoluída. Ela é essencial para a democracia fundada na complexidade das interações entre unidade e diversidade, entre o local e o global e para a construção de novas identidades que surgem numa dinâmica de natureza complexa.

Mas, é preciso também ir um pouco mais além do cultivo de uma coexistência pacífica ou passiva, e caminhar em direção a uma coexistência ativa, do sujeito conscientemente atuante, que exercita a participação, a solidariedade, o bem comum e, ao mesmo tempo, sente a compaixão capaz de amenizar o sofrimento do que está sujeito às intempéries e às vicissitudes da vida. E, neste sentido, também as redes sociais podem nos ajudar a potencializar ações voltadas para o bem comum e para o cultivo da paz entre pessoas, comunidades e povos.

Tudo isto requer, por parte dos educadores, não apenas competências técnicas e tecnológicas, mas, sobretudo, competências humanas, uma maior competência ética, para que possamos ser capazes de compreender nossa realidade que é, ao mesmo tempo, solidária e conflituosa, incerta e insegura, mas profundamente, criativa. São competências humanas pautadas não apenas no conhecimento e nas habilidades necessárias, mas, principalmente, na ética da solidariedade, da responsabilidade, da amorosidade, na percepção dos processos de interdependência e na compreensão da multidimensionalidade humana, bem como no respeito às diferenças que enriquecem a trama da vida.

Esta compreensão ética, por sua vez, exige uma nova cosmovisão, que reconheça a conformação dos fenômenos sociais como processos complexos emergentes. Uma cosmovisão capaz de superar os limites do paradigma da simplificação e da fragmentação, capaz de perceber que fenômenos como o trabalho, a pobreza, a exclusão e a miséria são interdependentes e devem ser pensados e transformados desde uma política maior de civilização.

Para tanto, será preciso apreender as ferramentas que proporcionam as novas ciências da complexidade, sem, todavia, descuidar da sabedoria gestada pelos povos e que nos ajudam a resgatar e a cuidar das identidades locais, grande parte cooptada pelos sistemas políticos e pela globalização, por sua vez, sequestrados pelo sistema econômico condicionador do nosso viver/conviver humano. Assim, precisamos de ferramentas intelectuais que nos ajudem a superar as dicotomias e a compreender que unidade não é uniformidade, que a diversidade é condição de nossa humanidade e que a relação autonomia/dependência é condição intrínseca à dinâmica de sobrevivência dos povos.

Urge, portanto, um novo pensar a partir de uma nova base ontológica, epistemológica e metodológica, novos fundamentos capazes de nos ajudar a problematizar o real, a ciência, a tecnologia e a vida, colaborar na construção de novas perspectivas civilizatórias capazes de iluminar novos caminhos. Neste sentido, entendemos que a complexidade pode cumprir um importante papel.

5. Conceituando complexidade

Com a revolução da ciência ocorrida no início do século passado, com as descobertas da Física Quântica, a microfísica desembocou em uma relação complexa com a macrofísica, a partir do estudo das partículas elementares e das relações observador e objeto observado, operando-se, assim, uma grande mutação no estatuto ontológico do objeto. Verificou-se que ele sozinho já não bastava a si mesmo, o mesmo acontecendo com o sistema vivo, a partir de seus processos auto-eco-organizadores e de sua abertura em relação ao meio. Ambos trazem consigo, ou abarcam em si, o ambiente externo no papel coorganizador que lhe corresponde.

Esta mutação ontológica no estatuto do objeto provocou mutações nas perspectivas epistemológicas do sujeito, do observador científico, influenciando também os processos de ensino e aprendizagem. O observador perturba o objeto que perturba o sujeito que o observa. Um abre uma brecha no outro. Acoplam-se e se influenciam mutuamente, já que ambos são considerados sistemas abertos em processos de interdependência. São gerados, portanto, a partir de uma ontologia complexa.

Etimologicamente, ontologia significa a “ciência do ser”. Assim, a expressão ontologia complexa significa que as relações sujeito/objeto, ser/realidade são de natureza complexa, portanto, inseparáveis entre si, pois o sujeito traz consigo a realidade que tenta objetivar. É um sujeito, um ser humano que não fragmenta a realidade que o cerca, que não descontextualiza o conhecimento, um sujeito multidimensional, ou seja, com todas as suas estruturas perceptivas e lógicas, como também sociais e culturais à disposição de seu

processo de construção do conhecimento e de sua evolução, já que a realidade não existe separada do ser humano, de sua lógica, de sua cultura e da sociedade em que se vive.

Desta forma, na ontologia complexa, o ser está dentro do mundo, faz parte dele. Mundo e realidade são compreendidos em sua organização, produto de interações, de retroações, de emergências, de auto-eco-organizações, de dinâmicas sinérgicas e convergentes, como também de dinâmicas desencontradas, onde a ordem e a desordem estão em constante diálogo. O ser, para Morin, é sempre uma organização ativa, produto de interações, uma organização nutrida por fluxos que exigem abertura estrutural e fechamento organizacional. Tais mecanismos é o que garantem as relações dialógicas entre autonomia e dependência, perturbação e quietude, sapiência e demência e tudo aquilo que tece a trama vida e permite a sua existência. Portanto, uma ontologia complexa mantém sempre a tensão das polaridades constitutivas do ser, bem como as interações entre as distintas dimensões que o integram.

Nos itens anteriores, tentamos deixar claro que é preciso evitar a disjunção sujeito/objeto, a anulação tanto do sujeito como do objeto, questionar o reducionismo e a fragmentação excessiva, reconhecendo a importância de se ter uma epistemologia aberta onde caiba, entre outros aspectos, a incerteza, a dialógica, a recursividade, a auto-organização e a emergência, bem como o sujeito esquecido da ciência tradicional.

Assim, uma das perspectivas teóricas mais importantes representativas desta nova ciência é o Pensamento Complexo de Edgar Morin (2007), do qual a complexidade é o seu conceito mais expressivo. Esta linha de pensamento, ou perspectiva teórica, não recusa a clareza, a ordem, o determinismo e a linearidade presentes nos fenômenos, entretanto, os consideram insuficientes na explicação da realidade. A complexidade pauta-se, entre outros aspectos, pela indeterminação e a imprevisibilidade entranhada no tecido do universo, pela diversidade constitutiva do real, pelas emergências presentes em todas as dimensões da vida, pela incerteza como expressão das múltiplas potencialidades do real e como condição do existir humano. Incerteza, como condição ontológica e epistemológica presente nas relações sujeito/meio, sujeito/objeto, indivíduo/sociedade/natureza.

Complexidade significa, para Edgar Morin (2007), um princípio que permite ligar as coisas, os fenômenos, os eventos, implicando, portanto, uma tessitura comum que coloca como sendo inseparavelmente associados o indivíduo e o meio, a ordem e a desordem, o sujeito e o objeto, o professor e o aluno e todos os demais tecidos que regem os acontecimentos, as ações e as interações que tecem a trama da vida. Para Morin (1990, p.20), “complexo significa aquilo que é tecido em conjunto”.

É um princípio que traz consigo uma dimensão organizacional e uma dimensão lógica. Em sua dimensão organizacional, nos revela que a realidade é multidimensional em sua natureza complexa, interdependente, mutável, entrelaçada e nutrida pelos fluxos que acontecem no ambiente e a partir do que cada um faz. Uma realidade que é contínua, descontínua, indeterminada em sua dinâmica operacional e que se manifesta dependendo do contexto, das situações vividas e das circunstâncias criadas. O reconhecimento da existência de múltiplas realidades e a legitimidade de todas elas é algo muito importante para esta construção teórica, lembrando que a realidade surge a partir do que cada um faz, pensa, sente e age. Em sua dimensão lógica, nos oferece um panorama ou outra perspectiva teórica e que muito nos ajuda, metodologicamente, a avançar nos processos de construção de conhecimento.

A partir daí, a complexidade pode ser compreendida como um princípio regulador do pensamento e da ação, capaz de articular relações, conexões, interações e que nos ajuda a organizar o real, a ver os objetos relacionalmente, inseridos em seus respectivos contextos e dependentes deles. Com ela, Edgar Morin nos ajuda a tentar religar, no domínio do pensamento e da ação, o que já se encontra, direta ou indiretamente, conectado na natureza, no mundo material. Desta forma, a complexidade não perde de vista a realidade dos fenômenos, não separa a subjetividade da objetividade e não exclui o espírito humano, o sujeito, a cultura e a sociedade (Morin, 1996). É o olhar complexo sobre os fenômenos que nos permite, segundo esse autor (1996), encontrar um substrato comum à biologia, à física e à antropologia.

Fundamentado no Pensamento Complexo de Edgar Morin, é possível perceber que a chave da complexidade está em reconhecer, a união da simplificação e da complexidade, em perceber o interjogo existente entre análise e síntese, sujeito e objeto, indivíduo e contexto, educador e educando, percebendo a complementaridade dos processos envolvidos na tentativa de compreender a realidade de maneira menos redutora possível.

E para melhor compreender esta dinâmica operacional de natureza complexa, metodologicamente, utilizamos os operadores cognitivos para um pensar complexo proposto por Edgar Morin (1997). E qual é o papel de tais operadores? São instrumentos ou recursos do pensamento que nos ajudam a pensar de maneira complexa, a construir conhecimento e a reorganizar o saber, a partir de uma dinâmica diferenciada, dialógica, auto-eco-organizadora, mais profunda e abrangente. Para tanto, usamos a epistemologia da complexidade, a lógica da complexidade, ou seja, a dialógica, e nos apoiamos nos demais operadores cognitivos para um pensar complexo. Que operadores seriam esses? Entre outros, os principais operadores seriam os princípios dialógicos, recursivo, hologramático e

auto-eco-organizador. Destacamos, também, em função da temática trabalhada, dois outros operadores cognitivos importantes: o princípio ecológico da ação e o princípio ético.

A epistemologia da complexidade, nutrida pelos operadores cognitivos para um pensar complexo e transdisciplinar, nos ajuda a trabalhar as relações sujeito/objeto, ou seja, as relações ocorrentes entre os níveis de realidade ou de materialidade do objeto e os níveis de percepção do sujeito, a promover o diálogo entre as disciplinas, compreendendo melhor sua dinâmica operacional e influenciando os aspectos metodológicos, a partir do uso da dialógica que permeia nossas reflexões e ações cotidianas. Assim, fica mais fácil resolver os conflitos, compreender as divergências, reconhecer as diferentes maneiras de se interpretar a realidade, percebendo melhor os problemas e o encontro de suas soluções.

Ao transcender a lógica binária fragmentadora da realidade, ao resgatar a dimensão complementar das polaridades aparentemente contrárias, a complexidade ajuda-nos a promover a alteridade, a resgatar o respeito ao pensamento do outro que, embora seja diferente do meu, é absolutamente legítimo, ajudando-me a compreender o que acontece em outros níveis de materialidade do objeto e de percepção dos sujeitos aprendentes, a reconhecer, inclusive, a importância dos conhecimentos antigos e a explorar outras maneiras de ser/conhecer, de viver/conviver e aprender. Conclui-se, portanto, que ela traz consigo uma outra lógica, a dialógica, nutrida por fundamentos éticos, fruto de uma racionalidade aberta iluminada pela ética e pelo princípio da não separatividade que traz consigo a solidariedade.

Assim, todo conhecimento de natureza complexa e transdisciplinar, seja no campo profissional ou pessoal, procura explorar aquilo que circula entre os diferentes níveis de materialidade do objeto e os diferentes níveis de percepção dos sujeitos, aquilo que se encontra na ordem implicada, dobrada, escondida dentro de cada um de nós. Ou seja, percebe aquilo que é subliminar, que habita a região em que nossos sentidos, muitas vezes, não são capazes de penetrar, de analisar, de decodificar em um primeiro momento e que requer outras dimensões humanas, como a intuição, a imaginação, para sua melhor compreensão, a partir de seu diálogo com a razão.

6. Por uma ética de natureza complexa e transdisciplinar

Assim, quais seriam alguns dos desdobramentos desta compreensão sobre as questões éticas? Ora, se a realidade fosse unidimensional, a partir do que acontece em um único e mesmo nível de realidade, de racionalidade ou de uma única perspectiva do real, portanto, orientada por uma lógica binária, linear, determinista, as relações sujeito/objeto estariam orientadas por um único nível de percepção ou de referencialidade. Prevaleceria,

assim, o dualismo, a lógica do certo/errado, do isto ou aquilo, fruto de uma razão fragmentada, geradora de uma realidade que separa o inseparável, que separa relações bipolares que acontecem na natureza, na vida e na sociedade, criando, assim, uma realidade artificial, já que nenhum sistema vivo funciona desta maneira. Uma realidade fragmentada gera um saber fragmentado e, portanto, uma ética também fragmentada e parcial, que promove a incompreensão nas relações humanas. É uma ética geradora de mal-entendidos que provoca o desprezo e o ódio, que suscita violências e guerras, bem como favorece a hipertrofia do ego pela necessidade de reconhecimento e de glória. Gera, portanto, incompreensões mútuas e generalizadas, o que, de certa maneira é também muito comum no mundo da Academia.

Seguindo o mesmo raciocínio, é uma maneira de pensar e de compreender o mundo que separa razão e emoção, o masculino e o feminino, o público e o privado, fazendo com que uma ética também fragmentada acabe possibilitando a confusão do que é interesse público e o que é privado, facilitadora de que certas práticas políticas eticamente inadequadas e imorais sejam oficialmente aceitas, servindo também como elemento de dominação por parte dos poderes públicos instituídos.

Esta visão certamente está em desacordo com o enfoque pluralista e multirreferencial da ciência que postula a existência de diferentes níveis de realidade, de materialidade, bem como de diferentes níveis de percepção, a presença da pluralidade de olhares e de linguagens como sendo fundamentais para a compreensão da realidade de natureza complexa (Ardoíno, 1998).

Estas diferenças de percepção e de realidade são, em grande parte, responsáveis pelas crises que nos afetam, pelos movimentos fundamentalistas de todos os tipos, pela dessacralização da natureza, pela negação da espiritualidade que permite ao ser humano sentir-se parte de uma totalidade maior. São manifestações frutos de uma lógica absolutamente simplista, responsável, em grande parte, pelos desafios éticos e morais que hoje se apresentam. Isto porque a ética acaba seguindo sempre o destino da razão (Boff, 2003a) e a razão, em sua dimensão instrumental analítica, não se detém diante de nada, de nenhuma instância.

Assim, necessitamos de uma racionalidade complexa, capaz de estabelecer novas relações, de uma nova estética do pensamento, nas palavras de Maria Conceição de Almeida (2012), que abra a mente ao diálogo sem reservas, que enfraqueça as resistências aos sistemas noológicos fechados, que diminua a resistência paradigmática e atenua a força das palavras-mestras e das verdades únicas. Necessitamos de um novo pensamento capaz de nutrir uma nova ética, uma ética que suporte os riscos do desconhecido, que esteja

atenta aos desafios que a incerteza, as contradições e as dificuldades trazem consigo. Uma ética que reduza a intolerância, que resgate aqueles valores tradicionais que verdadeiramente façam sentido. Para tanto, ela precisa ser aberta e flexível para negociar com o que acontece no mundo ao se movimentar nas zonas de risco. Uma ética que acredita na partilha, na troca, na cooperação e na fraternidade. Ética como uma via capaz de promover a reconciliação com a vida e com a natureza, como quer Leonardo Boff em seu livro sobre *Ética da vida* (1999).

Uma ética da e para a vida em que cada um assume sua parcela de responsabilidade pela vida do Todo, em que cada um se coloca a serviço da vida no planeta Terra, pois aquele que reconhece a importância da vida, que ama a vida, não a mutila, não a destrói, não a condena. Apenas cuida, ama e venera.

Uma ética capaz de reintegrar o cosmo, a matéria, a vida e o ser humano, capaz de resgatar o espírito de solidariedade entre os seres e a gratidão pela vida por parte de todos aqueles que compartilham o mesmo destino comum.

Leonardo Boff (2003b), com muita sabedoria e preocupação com o futuro da vida no planeta, nos adverte que nunca antes na história o destino comum nos conchama a buscar um novo começo, o que certamente requer uma reforma do pensamento (Morin, 2000) e maior abertura do coração (Moraes, 2008). Isto porque o comportamento ético não é somente um processamento cognitivo e a expressão de uma determinada lógica. É, sobretudo, amor, solidariedade e responsabilidade.

Para Boff (2003b), esta mudança na mente e no coração requer a compreensão de um novo sentido de interdependência global e de responsabilidade universal. Implica, portanto, uma ética de religação, que inclui e associa, que une e solidariza, opondo-se ao que disjunta, reduz e fragmenta. Uma ética pautada na compreensão que fraterniza a relação e que procura reumanizar o conhecimento político (Morin, 2007), em prol do bem comum e do bem viver.

É a ética, metaforicamente representada pelo abraço, como estética da vida, nas palavras de Almeida (2012). Abraço como estética do pensamento que abre a mente e o coração para o diálogo sem reservas, que promove a dialógica entre universalidade e singularidade, entre dependência e autonomia, aberta ao acolhimento e à hospitalidade, mas também ao ruído e à desordem. Uma ética que privilegia a inclusão e não a exclusão, pois como humanidade, precisamos de mentes mais abertas, de olhares mais sensíveis e amorosos, de escutas mais atentas e solidárias, e ações mais congruentes com os valores professados, para que possamos desenvolver ações que possam realmente promover a diferença neste momento importante da humanidade.

Inspirados nas sábias palavras de Boaventura de Sousa Santos (2004), reconhecemos que é preciso um conhecimento prudente para uma vida mais decente, e isto certamente requer um conhecimento nutrido por uma ética capaz de ajudar a melhor compreender a dinâmica da vida, a perceber a interdependência existente entre os elementos constitutivos do triângulo da vida, ou seja, das relações indivíduo, sociedade e natureza. Uma ética prudente para uma vida mais decente e que nos faça reconhecer a dependência do ser humano em relação ao seu ambiente natural e ao contexto social onde vive.

Para finalizar, faço minhas as palavras de Edgar Morin (2011, p.101), que destaca a importância de se cultivar

“uma política de humanidade que retome e assuma os princípios éticos das grandes religiões, a compaixão do Buda, o amor ao próximo e o perdão do Evangelho, a clemência e a misericórdia do Corão, por meio da laicização dos princípios de fraternidade contidos na trindade laica: liberdade, igualdade e fraternidade, guiada pela ideia de associar o desenvolvimento pessoal, a melhoria da sociedade e a fraternidade comunitária”.

7. Referências

ALMEIDA, M. C. de. **Ciências da Complexidade e Educação**: razão apaixonada e politização do pensamento. Natal: EDUFRN, 2012.

ARDOÍNO, J. Abordagem multirreferencial das situações educativas e formativas. In: BARBOSA, J. (coord.) **Multirreferencialidade nas ciências e na educação**. São Carlos/SP: EdFUSCar, 1998.

BOFF, L. **Ética da vida**. Brasília: Letra Viva, 1999.

BOFF, L. **Ética e moral**: a busca dos fundamentos. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2003a.

BOFF, L. **Civilização planetária**: desafios à sociedade e ao cristianismo. Rio de Janeiro: Sextante, 2003b.

BREY, A. La sociedad de la ignorancia. Una reflexión sobre la relación del individuo con el conocimiento en el mundo hiperconectado. In: Mayos, G.; Brey, A. (Eds). **La sociedad de la ignorancia**. Barcelona: Ediciones Península, 2011.

LAMA, D. **Uma ética para o novo milênio**. Rio de Janeiro: Sextante. 2000.

MAX-NEFF, M. **Fundamentos de la transdisciplinariedad**. Disponível em: http://www.max-neef.cl/descargas/Max_Neef-Fundamentos_transdisciplinaridad.pdf>. Acessado em 13 jun. 2013.

MORAES, M. C. **Ecologia dos Saberes**: Complexidade, transdisciplinaridade e educação. São Paulo: Antakarana/ProLiber, 2008.

MORIN, E. **O Paradigma perdido**: a natureza humana. Sintra/Portugal: Publicações Europa América, 1990.

MORIN, E. **O problema epistemológico da Complexidade**. Sintra/Portugal: Publicações Europa-América, 1996.

MORIN, E. **O Método 01**: A natureza da Natureza. Sintra/Portugal: Publicações Europa-América, 1997.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez. Brasília, DF: UNESCO, 2000.

MORIN, E. **O método 06**: Ética. Porto Alegre; Editora Sulina; 2007.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina; 3ª Ed., 2007.

MORIN, E. **Para um pensamento do sul**. Rio de Janeiro: SESC, 2011.

SANTOS, B. de S. **Um discurso sobre as ciências**. São Paulo: Cortez, 2004.